

# O corpo rascunho: identidade e violência na experiência transexual.

Manoel Messias Rodrigues Santos.

Cita:

Manoel Messias Rodrigues Santos (2017). *O corpo rascunho: identidade e violência na experiência transexual*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/3137>



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**O CORPO RASCUNHO: IDENTIDADE E VIOLÊNCIA NA EXPERIÊNCIA TRANSEXUAL**

Manoel Messias Rodrigues Santos

manurodrigues2512@gmail.com

Instituto Federal de Sergipe

Brasil



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### RESUMO

O corpo emerge como *locus* de materialidade do desejo. Ao ser feito e refeito pela sociedade, recebe marcas por meio das quais o sexo e as identidades de gênero vão se configurando e se reconfigurando. O corpo, então, torna-se um representante de si, fragmento de uma identidade manejável, fluida; mas que se torna afirmação de si, pois os discursos sobre o corpo conferem competências performáticas para que os papéis sociais sejam assumidos e desempenhados. Nesse sentido, o sexo é uma categoria integrante de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, constituindo uma das normas pelas quais o ser humano tornar-se viável. As normas regulatórias que incidem sobre o sexo atuam de maneira performática para constituir a materialidade do corpo. Assim, pensar a experiência transexual é fazê-lo a partir de corpos pré-operados, pós-operados, hormonizados, depilados, retocados, siliconados, maquiados. Corpos inconclusos, desfeitos e refeitos, arquivos vivos de histórias de exclusão e violência. Corpos que embaralham as fronteiras entre o real e o fictício, entre o corpo-homem/mulher e o corpo-outro transgressor e abjeto e que denunciam, implícita e explicitamente, que as normas de gênero não conseguem um consenso absoluto na vida social. Em silêncio, as cicatrizes que marcam os corpos transexuais falam, gritam, desordenam a ordem naturalizada dos gêneros e questionam as supostas verdades e a pretensa realidade. Nessa perspectiva, o presente trabalho se debruça sobre os romances *Stella Manhattan* do brasileiro Silviano Santiago e *Um lugar sem limite* do chileno José Donoso, com o objetivo de analisar como a reinvenção do corpo permite configurar não só as relações entre corpo e identidade, mas também as dimensões da violência na experiência transexual. Manuela, protagonista do romance de Donoso, carrega uma multiplicidade de vozes. Uma travesti lançada na imaginária *El Olivo*, um lugar nenhum: sem eletricidade, cidade sem recursos, vendida ao interesse político, transformada em nada, um lugar onde as relações patriarcais dominam a estrutura social. Seu universo torna-se ainda mais angustiante com a chegada de um caminhoneiro casado e machão que se apaixona por ela e tenta negar seus sentimentos, agredindo o objeto de seu desejo com muita violência. Eduardo/Stella, centro da narrativa de Silviano Santiago, é um jovem



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

homossexual brasileiro que, ao ter sua orientação sexual descoberta, é rejeitado pela família e enviado para Nova Iorque onde divide seu tempo entre o trabalho no consulado brasileiro e as atividades na noite nova-iorquina como a grande Stella. Nesse contexto, desenvolvem-se as relações de amor e amizade, bem como as lutas individuais e políticas que subjazem toda a narrativa.

### **ABSTRACT**

The body emerges as the locus of materiality of desire. When it is made and redone by society, it receives brands through which gender and gender identities are configured and reconfigured. The body then becomes a representative of itself, fragment of a manageable, fluid identity; but that becomes self-affirmation, since the discourses on the body confer performative skills so that the social roles are assumed and performed. In this sense, sex is an integral category of a regulatory practice that produces the bodies it governs, constituting one of the norms by which the human being becomes viable. Regulatory norms that affect sex act in a performative way to constitute the materiality of the body. So, to think of the transsexual experience is to do it from pre-operated, post-operated, hormonalized, depilated, retouched, siliconized, makeup bodies. Bodies unfinished, broken and redone, living files of stories of exclusion and violence. Bodies that shuffle the boundaries between the real and the fictitious, between the body-man / woman and the body-another transgressor and abject and who denounce implicitly and explicitly that gender norms can not achieve an absolute consensus in social life. In silence, the scars that mark the transsexual bodies speak, shout, disorganize the naturalized order of the genres and question the supposed truths and the alleged reality. In this perspective, the present work focuses on the Stella Manhattan novels of the Brazilian Silviano Santiago and A place without limit of the Chilean José Donoso, with the objective of analyzing how the reinvention of the body allows to configure not only the relations between body and identity, but also the dimensions of violence in the transsexual experience. Manuela, protagonist of the novel of Donoso, carries a multiplicity of voices. A transvestite thrown in the imaginary El Olivo, no place: no electricity, city without resources, sold to the political interest, transformed into nothing, a place where patriarchal relations dominate the social structure.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

His universe becomes even more distressing with the arrival of a male and married truck driver who falls in love with her and tries to deny her feelings, attacking the object of her desire with much violence. Eduardo / Stella, center of the narrative of Silviano Santiago, is a young Brazilian homosexual who, when having his sexual orientation discovered, is rejected by the family and sent to New York where he divides his time between the work in the Brazilian consulate and the activities in the new night like the great Stella. In this context, the relationships of love and friendship are developed, as well as the individual and political struggles that underlie the whole narrative.

**Palabras clave**

Corpo. Experiência transexual. Literatura.

**Keywords**

Body. Transsexual experience. Literature.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### I. Introdução

A chamada modernidade líquida não só liquefaz as certezas, as fronteiras e a identidade, mas também o corpo burguês construído sobre a égide da medicina legal do século XIX. Surge, pois, um corpo singular, múltiplo, ferido, esfacelado, mergulhado no paradoxo de uma sociedade cujo discurso faz, aparentemente, uma espécie de elogio e hipervalorização do corpo para em seguida esvaziá-lo, transformando-o em mercadoria, impondo-lhe uma exterioridade que dita o simulacro do próprio corpo.

Nessa perspectiva, o corpo na experiência transexual mergulha na dinâmica desse corpo-simulacro, desse corpo exaltado, mas que já não é puramente o corpo com a qual se vive e sim o corpo retificado, redefinido, o corpo costurado que ao mesmo tempo em que aciona identidades, dando-lhes materialidade, também desperta dor, sofrimento e violência.

Assim, partindo dessas reflexões e considerando o papel da literatura ao construir mundos por meio dos quais a realidade desnuda-se, desnaturaliza-se, o presente estudo procura analisar como esse corpo-simulacro que se metamorfoseia constantemente emerge como *locus* de materialidade das identidades na experiência transexual a partir da análise dos romances *Stella Manhattan* do brasileiro Silviano Santiago e *O lugar sem limite* do chileno João Donoso. Aqui, a manipulação de si estabelece um processo de busca do auto-conhecimento e de reconhecimento por meio do qual estabelecem as relações com o mundo. O corpo é, nesse sentido, um corpo rascunho a ser retificado, uma matéria-prima a ser arranjada de outra forma.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### II. O Corpo Rascunho

O corpo ao mesmo tempo em que emerge como *locus* do desejo, desencadeia toda uma série de discursos que foram, ao longo do tempo, inscrevendo-se nele, a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideias da cultura. O corpo é, pois, uma espécie de escrita viva, na qual forças e dinâmicas sociais imprimem ressonâncias e cavam caminhos. Seu sentido se perde num labirinto onde o próprio corpo traça as veredas. Então, diz Louro (2004, p.75), “os corpos são o que são na cultura”. O corpo passa, pois, a interessar como espaço constitutivo de laços sociais. Seus atos, gestos e práticas são elementos de uma cultura, retratam sistemas de valores específicos, organizam um modo de vida.

Se em um primeiro momento, ele foi silenciado seja ao assumir um valor universal ao representar, na tradição greco-romana, um certo ideal de beleza; seja ao ser concebido, com o advento do Cristianismo, como lugar da culpa e do pecado, prisão da alma, acentuando uma linha divisória entre corpo/matéria e espírito/alma. Posteriormente, a ascensão burguesa e a estruturação de uma nova ordem levam a uma redescoberta do corpo, percebido sob a lógica da produção/reprodução.

Segundo Laqueur (1990), até o início do século XIX persistia o modelo sexual que hierarquizou os sujeitos ao longo de um único eixo, cujo telos era o masculino. As mulheres eram homens invertidos “nas quais uma falta de calor vital – de perfeição – havia resultado na retenção interna de estruturas que nos machos eram visíveis” (Laqueur, 1990, p.04). A partir da segunda metade do século XIX, a sociedade burguesa redescobre a realidade anatômica da mulher. Compreende-se que ela é um ser cuja estrutura corpórea é diferente, constituindo-se, portanto, um outro, oposto, porém complementar.

O discurso burguês médico-legal vai dar ao corpo novos contornos, construindo um corpo binário, sexuado e heteronormativo. E com ele constrói-se um manual de instruções que irá explicar, identificar, dividir, regradar e disciplinar não só os corpos, mas



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

a sexualidade que ele materializa. Por isso, afirma Butler (2002), pode-se dizer que os discursos “habitam corpos” que eles se “acomodam em corpos” ou ainda mais contundente, que “corpos, na verdade, carregam discursos como parte de seu próprio sangue”.

A certeza de que somos múltiplos e que acionamos vários pertencimentos sociais que conduzem a diversas direções, cada vez mais incertas e a ameaça de dissolução que implica não termos mais uma identidade fixa exigem que se busque algo que dê fundamento para as ações humanas, que lhe permita construir suas narrativas pessoais. Nesse contexto, o corpo emerge como referência central. Num mundo de fluxo constante, onde os pontos fixos estão se movendo ou se dissolvendo, o ser humano segura-se no que lhe parece mais tangível: a verdade de suas necessidades e desejos corporais. O corpo, portanto, constitui-se na referência que ancora, por força, a identidade.

Por isso, o corpo surge como uma espécie de rascunho que é feito e refeito pela sociedade, recebendo marcas por meio das quais o sexo e as identidades de gênero vão se configurando e se reconfigurando. O corpo torna-se um representante de si, fragmentos de uma identidade maleável, fluida; mas que se consolida, segundo Le Breton (2013), como “afirmação de si”, pois os discursos sobre o corpo conferem competências performáticas para que os papéis sociais sejam assumidos e desempenhados. Ao mesmo tempo em que o sexo emerge como categoria integrante de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, constituindo uma das normas pelas quais o ser humano torna-se viável, “aquilo que qualifica um corpo para a vida interior do domínio inteligível da cultura” (Butler, 2002, p.155).

Quando o médico diz: “é um menino/ uma menina”, produz-se uma invocação performática que instaura um conjunto de expectativas e suposições em torno desse corpo. É em torno dessas expectativas e suposições que se estruturam as performances de gênero.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Afirma Bento (2006, p.88),

Enquanto o aparelho da ecografia passeia pela barriga da mãe, ela espera ansiosa pelas palavras mágicas que irão desencadear essas expectativas; mágicas no sentido de criarem realidades. Logo depois, o médico dirá o sexo da criança e as expectativas serão materializadas em brinquedos, cores, modelos de roupas e projetos para o futuro filho ou filha antes mesmo de esse corpo vir ao mundo.

Esse discurso performativo lança os indivíduos numa espécie de ato fundamental que determina, de certa forma, seu estar no mundo. Por isso, Preciado (2017) propõe que a interpelação “é menino/é menina”, para além do caráter performático que cria expectativas e suposições, tem efeitos protéticos: faz corpos. Nesse sentido, analisar os corpos como próteses desconstrói a relação dicotômica corpo-natureza para apontar o corpo como resultado de tecnologias e o gênero como resultado de tecnologias sofisticadas que produzem corpos sexuais. “Não há corpos livres, anteriores aos investimentos discursivos” (Bento, 2006, p.89).

As normas regulatórias que incidem sobre o sexo atuam de maneira performática para construir a materialidade do corpo e, mais especificamente, “para materializar o sexo do corpo, a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (Butler, 2002, p.154). As performatividades de gênero que se articulam fora dessa amarração são postas às margens, vistas, muitas vezes, como transtorno, como abjeção.

Por isso, assegura Preciado (2017), os corpos já nascem operados. Todos já estão, mais ou menos, operados por tecnologias sociais precisas. Todos somos pós-operados. Não existem corpos livres de investimentos discursivos *in natura*. O corpo já nasce maculado pela cultura. A experiência transexual, por sua vez, diz que a primeira cirurgia não foi bem sucedida, que o corpo sexuado que lhe foi atribuído não serve para lhe conferir sentido. Porém, esse processo de reconstrução do corpo é marcado por conflitos que colocam os transexuais em posição de permanente negociação com as normas de gênero, ao mesmo tempo em que as desestabilizam ao longo dos processos de reinvencão do corpo.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Nessa perspectiva, pensar a experiencia transexual é fazê-lo a partir de corpos que borram essas fronteiras, de corpos pré-operados, pós-operados, hormonizados, depilados, retocados, siliconados, maquiados. Corpos inconclusos, desfeitos e refeitos, arquivos vivos de histórias de exclusão e violência. O corpo transexual, afirma Le Breton (2013), é um artefato tecnológico, uma construção que suprime os aspectos significativos de uma antiga corporeidade para abordar os sinais inequívocos de um “EU” que se materializa em sua nova aparência. Modela para si diariamente um corpo inacabado sempre a ser conquistado graças aos hormônios e aos cosméticos, graças às roupas e ao estilo da presença.

Esses processos corporais, afirma Bento (2006, pp.25-26), “podem ser pensados como metáforas para a construção da identidade. Ser um homem / uma mulher implica um trabalho permanente, uma vez que não existe uma essência interior que é posta a descoberta por meio dos atos. Ao contrário, são esses atos corporais, estéticos e linguísticos que fazem o gênero”.

São corpos que embaralham as fronteiras entre o real e o fictício, entre o corpo-homem/mulher e o corpo outro transgressor e abjeto – corpos que não deveriam existir dentro de determinada matriz cultural – e que, por isso, sofrem a ausência de reconhecimento e legitimidade, demonstrando que as normas de gênero não conseguem um consenso absoluto na vida social. Em silêncio, as cicatrizes que marcam os corpos transexuais falam, gritam, desordenam a ordem naturalizada dos gêneros e questionam as supostas verdades e a pretensa realidade. Nessas diferentes representações, assegura Le Breton (2013, p.22), “o corpo deixa de responder à unidade fenomenológica do homem, é um elemento material de sua presença, mas não sua identidade, pois ele só se reconhece aí num segundo tempo após efetuar um trabalho de sobressignificação que conduz à reivindicação de si. Mudando o corpo, pretende-se mudar sua vida”.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Eis as bases que permitiram mergulhar no universo da literatura que ao construir representações acerca da vida em sua complexidade possibilita o encontro com a *Manuela* de José Donoso e com a *Stella* de Silviano Santiago. Dois corpos que tentam afirmar-se enquanto lutam por reconhecimento. Suas performances atuam na transformação do corpo e do gênero, pois elas são práticas estruturantes das suas visões de mundo e do seu principal objetivo: exteriorizar seu EU interior. É no corpo que elas se produzem como sujeitos.

### **III. Manuela: o corpo como inferno pessoal**

Lançado em 1965, o romance “O lugar sem limite” do chileno José Donoso nos leva à imaginária El Olivo, um lugar nenhum, sem eletricidade, sem recursos, chefiada por Dom Alejo, marcada pela dissolução, pela pobreza, pelos interesses políticos que a transformam em nada e na qual todos os seus habitantes parecem viver seus infernos interiores, anunciado na epígrafe do Fausto que abre o romance. É nesse cenário que nos deparamos com a protagonista Manuela, uma travesti, proprietária de um bordel junto com sua filha Japonesita e as outras meninas.

Manuela vai revelando sua complexidade aos poucos à medida que o dia vai passando, pois a diegese relata apenas um dia de sua vida, no qual ela reafirma e rememora os seus infernos. Aos poucos, os fragmentos de memória vão ajudando o leitor a ir construindo a personagem em sua caminhada até aquele exato momento. Descortinam-se sonhos, medos, frustrações e violências as mais variadas possíveis, a começar pela aposta de Dom Alejo que a obrigou a fazer sexo com a Japonesa Grande na frente de todos que estavam no bordel. Fora assim que se tornara sócia e supostamente, já que o romance dá a entender que a menina seria na verdade filha de Dom Alejo, mãe da Japonesita.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Nessa perspectiva, talvez o corpo seja o primeiro e o seu maior inferno, pois não quer a agressão prometida, mas o prazer de poder se tornar belo novamente em pleno movimento dentro de seu vestido vermelho, grande metáfora para uma série de ressignificações que ela aciona na construção de si.

Ela vai mostrar a elas quem ali é mulher e como é ser mulher. Tira a camisa e dobra sobre o lanço da escada. Os sapatos também...isso, pés descalços como uma verdadeira cigana. Tira também a calça e fica nu no galinheiro, braços cruzados sobre o peito e aquela coisa esquisita pendurada. Enfia o vestido de espanhola pela cabeça e a saia cai em torno dela como um banho de calidez, porque nada é capaz de abrigá-la tão bem quanto aqueles metros e metros de cansado percal rubro (Danoso, 2016, p.126).

Esse mesmo corpo irá despertar o desejo de Pancho, uma caminhoneiro, casado, machão, um bruto que já a espancou uma vez e volta com promessas de fazê-lo novamente. Ele a deseja desde a primeira vez que a viu dançar em seu vestido vermelho de espanhola. Num misto de desejo, abjeção e obsessão crescente.

Manuela com seu vestido incandescente no centro tem de divertí-los e matar aquele tempo perigoso e vivo que quería engoli-los [...] Pancho, de repente ficou calado olhando para Manuela [...] ele sabe que deseja tocá-lo e acariciá-lo, deseja que aquelas contorsões não se deem só naquele centro, mas de encontrou a sua pele, e Pancho se deixa olhar e acariciar de longe...a bicha velha que dança para ele e ele se deixa dançar e que já não provoca o riso porque é como se ele também estivesse desejando (Donoso, 2016, p.143).

Assim, as angústias de Manuela são potencializadas pela sombra de Pancho e o arraigado machismo de uma sociedade construída sob a égide do patriarcado. Seu corpo não só consegue dizer quem ela é, mas também gera paixão e repulsa, angústia e sofrimento, vida e morte.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Que ninguém perceba. Que não o vejam deixando-se tocar e golpear pelas contorções e as mãos históricas de Manuela que não o tocam, deixando-se, sim, mas daqui da cadeira onde está sentado ninguém vê o que se passa debaixo da mesa, mas que não pode ser e agarra uma mão adormecida de Lucy e a coloca ali, onde queima. A dança de Manuela o golpeia e ele quisera agarrá-la assim, assim, até quebrá-la, aquele corpo que começa a exalar seu odor agitando-se em seus braços e eu com Manuela que se agita, apertando para que não se mexa tanto, para que fique sossegada, apertando-a até que olhe para mim com aqueles olhos de redoma aterrorizados e enfiando minhas mãos em suas vísceras viscosas e quentes para brincar com elas, deixá-la ali estendida, inofensiva, morta (Donoso, 2013, p.144).

A trajetória de violências que Manuela sofre seja pela filha que insiste em chamá-la de papai como se para escancarar a infelicidade de sua condição, seja pelas agressões sofridas constantemente pelos frequentadores do bordel, seja pela abjeção que sofre por parte de toda a sociedade patriarcal que não a reconhece e que parece afirmar a todo momento que ela não deveria existir.

O encontraram e se jogaram para cima dele e lhe deram chutes e bateram nele e torceram seu corpo [...] os corpos quentes contorcendo sobre Manuela que já não conseguia nem gritar, os corpos pesados [...] contorcendo-se como um animal...ferindo...procurando o culpado, castigando-o, castigando-a, castigando-se deleitados até no fundo da confusão dolorosa, o corpo frágil que não resiste mais, quebra sobre o peso, já não consegue nem uivar de dor, bocas quentes, mãos quentes, corpos babosos e duros ferindo o seu e que riem e que insultam e que procuram partir e quebrar e destroçar [...] até que não resta mais nada e Manuela mal vê, mal ouve, mal sente, vê, não, não vê, e eles escapam através dos arbustos e fica ela sozinha na beira do rio (Donoso, 2013, p.150).

O corpo, então, sucumbe à violência. É levado a desaparecer para satisfazer o desejo de quem acredita que ali não é o seu lugar, de quem acredita que sua existencia parece afrontar a orden “natural” das coisas. O corpo é reduzido à carne, ao nada delineado pela tragédia de sua condição.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### IV. Stella/Eduardo: um corpo como dobra

Publicado em 1985, o romance *Stella Manhattan* do brasileiro Silviano Santiago nos apresenta Eduardo da Costa e Silva, a Stella que em plena ditadura militar é enviado para Nova York depois que sua família conservadora descobriu sua homossexualidade. Começa, então, um jogo em que a protagonista se divide em dois: o jovem Eduardo e a atrevida Stella num processo em que o corpo é feito, desfeito e refeito a cada instante. Na verdade, vai-se mais além, busca-se a intersecção de um no outro, do outro no um. Importa o eixo cilíndrico da dobradiça que destranca e vai abrindo a porta Stella até então reprimida pela rigorosa esquadria de nome Eduardo.

Stella era muito pouco nacionalista. Queria uma verdade política nova e libertária, de uso pessoal e coletivo, que imaginava sem chegar a formular, mesmo porque não era capaz. Mas um *feeling* bem lá dentro, no profundo do profundo, do que um raciocínio racional e verbalizável. Foi deixando Stella sair das quatro paredes do quarto, sair da casa, descer o elevador, andar na rua, conversar com as pessoas, desmunhecar, que Eduardo foi se distanciando politicamente dos brasileiros que buscava (Santiago, 1991, p.21).

Como se pode observar, o corpo define-se como uma dobradiça no sentido de apresentar retratos fragmentados e multifacetados. Num jogo de identidades que se manifestam no Eduardo, funcionário aplicado e comedido que se transforma na efeminada, extrovertida, otimista e sensual Stella Manhattan que durante a noite corre os bares do Greenwich Village para gozar uma vida boêmia. Assim, parece que o corpo contém a virtualidade de inúmeros outros corpos que o indivíduo pode revelar, tornando-se o arranjador de aparências e de seus afetos.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Quando expira, Stella abre os braços e fecha os olhinhos amendoados e saudosos de sol tropical e calor carioca [...] Expira e abre os braços como vedete na apoteose final do teatro de revista da Tiradentes, se tivesse uma escada na sua frente, galgaria degrau após degrau em plumas, strass e paetês, luxuosamente, luxuriosamente galgaria os degraus até chegar ao topo de onde em afinado e longo trinado, jogando beijos beijos e mais beijos para admiradores que gritam em delírio: “É a maior! É a maior”!, de onde tremularia a voz num agudo que ribombaria pelas abóbadas do céu de Manhattan sob os aplausos frenéticos da platéia. Stella Manhattan: Estrela de Manhattan (Santiago, 1991, p. 12-13).

Esse corpo, *locus* da multiplicidade, abriga faces do interior do/da protagonista entre as quais transitam, conforme sua disposição momentânea, faces que coexistem simultaneamente e dialogam entre si. O corpo torna-se emblema do *self*. A interioridade do sujeito é um constante esforço de exterioridade. É preciso se colocar fora de si para se tornar a si mesmo.

Quando Eduardo acorda, Stella está irrequieta. Move, man, move diz para si antes de dar um salto felino da cama. Quer sair, dar uma volta, espairecer, tomar o ar fresco da noite que desce que ninguém é de ferro. Ô dia brabo! Pensa constatando, uma espairecidazinha para trazer o equilíbrio, que senão esta cabecinha linda...linda da mamãe ex-plo-de. Certamente irá em busca de Rickie e uma boa trepada para aliviar a alma (Santiago, 1991, p.114).

Gradativamente, Eduardo/Stella acaba se envolvendo na disputa política de uma célula de guerrilha brasileira em Nova York por causa de sua aproximação com o amigo Viana, o coronel Valdivinos que, à noite, transforma-se na sadomasoquista Viúva Negra. Isso irá lançá-lo num jogo perigoso em que começam a pensar que ele é um espião a serviço da ditadura. Aos poucos, as marcas da rejeição da família que parece tê-lo esquecido completamente em seu exílio, a ausência de amigos e de amor levam a desintegração de Stella e posteriormente de Eduardo.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Ninguém tem Eduardo, ninguém teve Eduardo algum dia [...] Eduardo pensa que deve ser isso o sentimento mais profundo de solidão. Um corpo desprovido das forças da atração. Passageiro pelo vazio, pelo vácuo, pelo oco do mundo, sem outro destino que o vagar, perambular pela atmosfera rarefeita dos céus, sem reagir à força dos ventos, apenas sendo levado de um lado para o outro como folha seca (Santiago, 1991, p.231).

Assim, Stella/Eduardo vive um corpo ambíguo, borrado, sem limites e separações rígidas. Por tornar-se um corpo abjeto, a protagonista perde-se como sujeito de identidade e perde-se como sujeito social pelo apagamento provocado pelos impactos da política ditatorial brasileira. Um apagamento que não demora muito atinge violentamente a materialidade do corpo.

Pela manhã, no entanto, o delegado é chamado às pressas pelo carcereiro. Aquele deparou com o corpo do detido, Mr. Silva, todo coberto de sangue, com a cabeça espatifada. [...] Feito o exame do corpo de delito, constatou-se que, antes do suicídio presumível, ele foi violentado pelos ocupantes da cela, com requintes de sadismo, isso porque, apesar de ter sido encontrado vestido, sua roupa íntima estava manchada de esperma e sangue (Santiago, 1991, p.259).

Assim como Manuela, Stella dissolve-se num corpo que revela não só a vulnerabilidade da forma humana, mas também a impossibilidade de reconhecimento de quem realmente se é pelo outro. O fim do corpo a reduz ao nada. Lugar ao qual, durante toda a sua vida, a sociedade parecia destiná-la.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### V. Conclusão

Portanto, como se pôde observar nos dois romances, é a incorporação do seu feminino que autoriza Manuela e Stella a personificar a ambiguidade e a polissemia das relações. Os hormônios, as roupas, os acessórios, a maquiagem são momentos de um processo maior e que tem como resultado a experiência trans e o universo que ela cria e habita. Os corpos, que estão presentes em todos os momentos da transformação, também se reiventam, se fabricam, se redesenham e experimentam práticas, valores, jogos identitários, entretanto, também experimentam dor e sofrimento.

Se por um lado, o corpo materializa quem realmente se é; por outro, parece emergir, para alguns, como uma espécie de afronta num misto de repulsa e abjeção que explode em atos constantes de violência. Isso reduz esses corpos rascunhos a apenas carne e conseqüentemente a sua dissolução. Sem corpo, tem-se a impressão que as individualidades deixam de existir. Silenciam-se as marcas da diferença.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## **VI. Bibliografía**

BENTO, Berenice. (2006). A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond Universitária.

BUTLER, Judith. (2002). Como os corpos se tornam matéria. Entrevista a Baukje Prins e Irene Meijer. Revista de Estudos Feministas, v.08 (2).

DONOSO, José. (2013). O lugar sem limites. São Paulo: Cosac Naif.

LAQUEUR, Thomas. (2001). Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

LE BRETON, David. (2013). Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. Campinas: Papyrus.

LOURO, Guacira Lopes. (2004). Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica.

PRECIADO, Paulo B. (2017). Manifesto contrassexual. São Paulo: N-1 Edições.

SANTIAGO, Silviano. (1991). Stella Manhattan. Rio de Janeiro: Rocco.